

# O debate sobre a unidade hispano-americana e as propostas bolivarianas

## 3.1. Simón Bolívar: política

### Aula 4 e 5, Texto base:

BELLOTTO, Manoel Lelo & CORREA, Ana Maria Martinez (orgs.).  
Simón Bolívar: política. São Paulo: Ática, 1983, p. 9-31.

#### A- Ideias gerais do texto

Desde o século XIX, a trajetória de Simón Bolívar (1783-1830), protagonista do processo das independências da América Hispânica, inspirou múltiplas interpretações historiográficas e apropriações políticas. Isso porque sua vida tumultuada deixou para a história, além do seu empenho como um dos grandes líderes militares das independências, registros epistolares escritos por ele mesmo e que evidenciam parte das transformações de suas ideias políticas projetadas para os novos estados soberanos, que se formavam na América Latina.

Com base no texto no historiador da Universidade de São Paulo Manuel Bellotto, vamos realizar um balanço crítico da trajetória conturbada de Bolívar, que sonhou com uma grande nação liberal, completamente livre da influência católica e, que aos poucos, foi se afastando do projeto inicial ao enfrentar duras batalhas que desfizeram muitos de seus ideais.

Bolívar nasceu em 1783, em Caracas, atual Venezuela. Órfão desde muito cedo de pai e mãe, ele herdou ricas fazendas onde se cultivavam cacau, milho, algodão, cana-de-açúcar e café. Teve uma formação considerada muito satisfatória para a época, com mestres como Simón Rodríguez, que o introduziu no pensamento ilustrado de Voltaire, Montesquieu e Rousseau.

Viajou para a Europa a fim de complementar seus estudos e se deparou com a realidade política da época, em que as ideias republicanas, monarquistas, liberais e conservadoras eram constantemente discutidas. Isto contribuiu fortemente para se tornar mais simpático à república liberal e desenvolver a consciência clara sobre a necessidade de libertar a América Espanhola da Espanha. Para tanto, conhecia a ânsia de seu meio *criollo*, por ganhar espaço na sociedade, a insatisfação dos negros com relação à escravidão, os abusos do trabalho compulsório indígena e a força do cristianismo na política e na economia colonial. Jurou, na Europa mesmo, o compromisso de contribuir para libertar a América da dominação espanhola e, desse modo, encaminhar para a modernização da região.

**É importante dizer que Bolívar fez várias viagens para Europa e percorreu muitas regiões da América, como México, Cuba, Estados Unidos, Haiti e Jamaica, o que deu a ele uma dimensão ampla dos problemas políticos nas independências.**



Decidiu efetivamente lutar pela independência da América Colonial Espanhola, em 1810, procurando libertá-la do jugo da monarquia espanhola, que contra-atacava por meio de um exército denominado *realista*.

Ele começou em Caracas, onde participou da deposição do capitão-geral espanhol da Venezuela e estabeleceu uma junta de governo. A ideia inicial



era a defesa da liberdade democrática e republicana, mas logo acreditou que a anarquia vivida na região, após os inícios dos conflitos, geraria um problema de outra natureza, cuja solução seria um poder centralizado, forte e permanente. Isso foi comprovado em seu discurso proferido na Sociedade Patriótica, em 1811.

Segundo Belloto, os exércitos que se formavam na América Hispânica eram compostos com a conclamação dos espanhóis aos índios e negros para que integrassem os efetivos das tropas realistas. A contrapartida dada pela elite *criolla* era garantida pela participação desses setores com a compensação, por exemplo, da abolição da escravidão e o fim do trabalho compulsório indígena. Vale lembrar que revoltas, rebeliões e levantes estavam ocorrendo por toda a América, desde o século anterior. O movimento de Tupac Amaru, em 1791; a Independência Americana, em 1776, e a independência do Haiti, em 1804, são evidências de que as insatisfações contra a metrópole eram de indígenas, negros, republicanos e liberais.

Após a situação na Venezuela ter se estabilizado, Bolívar seguiu adiante e procurou contribuir com a libertação do domínio espanhol de Nova Granada e do Vice-Reinado do Peru, atual Venezuela, Colômbia, Panamá, Equador, Peru e Bolívia. Foi na Colômbia que sua luta foi mais proeminente. No entanto, a imposição de sua autoridade não significou o fim das hostilidades internas, mas sim mais tensão, a ponto de ter que deixar o país, em 1815. Em carta ao presidente das Províncias Unidas de Nova Granada, em 8 de maio de 1815, afirmou:

*"O sacrifício do comando, da minha fortuna e da minha glória futura, não me custou esforço algum. [...] Não serei mais general: irei viver longe de meus amigos e de meus compatriotas e não morrerei pela pátria. Mas terei feito um novo serviço contribuindo para a paz com a minha ausência. [...] Pelos meus serviços não peço por recompensas mais do que o esquecimento das minhas faltas."*<sup>4</sup>

Bolívar deixou Nova Granada e foi para a Jamaica, em busca do apoio definitivo dos ingleses. Ele já havia sido enviado para a Inglaterra para solicitar apoio no processo de emancipação da Venezuela, em 1810. A opção por se aliar à Inglaterra foi, na perspectiva de muitos pesquisadores, um indício de que sua promessa de libertar a América da Europa se tornou um projeto cada vez mais distante, uma vez que passou a considerar essencial a ajuda externa inglesa, acompanhada de compromissos políticos e econômicos, que já sinalizavam a dependência econômica vivida historicamente na região.

Ao falar da nação americana, Bolívar tinha em mente a união de várias tendências políticas contra o inimigo do momento, o Império espanhol. Assim, as soluções encontradas por ele, diante dos desafios naquele momento, eram, segundo Bellotto, a união interna de todos americanos, sem hesitações, e o apoio externo de uma grande nação, como a Inglaterra. Certa vez, disse:

*Tão logo sejamos fortes, sob os auspícios de uma nação liberal que nos empreste sua proteção, se nos verá concordes em cultivar as virtudes e os talentos que conduzem à glória*<sup>5</sup>.

Alguns dias depois, Bolívar embarcou para o Haiti e obteve o apoio do presidente Alexandre Pétion, mediante o compromisso de abolir a escravidão na América Espanhola. Ao mesmo tempo, desejou se aproximar dos Estados Unidos, apesar da rejeição que tinha ao fato da escravidão ter sido mantida nesse país após a independência, bem como da impositiva política externa norte-americana, que logo demonstrou seus interesses imperialistas na América Latina.

4 BELLOTTO, Manoel Lelo & CORREA, Ana Maria Martinez (orgs.). *Simón Bolívar: política*. São Paulo: Ática, 1983, p. 18.

5 BELLOTTO, Manoel Lelo & CORREA, Ana Maria Martinez (orgs.). *Simón Bolívar: política*. São Paulo: Ática, 1983, p. 19.

Em geral, Bolívar propunha novas instituições republicanas na América Hispânica, como a ampliação do trabalho livre e a formação de uma unidade americana. No entanto, o desentendimento entre as lideranças americanas o levou a adotar, muitas vezes, uma política autoritária e centralizadora, afastando ou eliminando seus concorrentes e opositores em nome da independência. Decretou, por exemplo, o confisco dos bens de espanhóis, feito também por outros líderes militares, como o argentino José de San Martín, com o intuito de fomentar o erário público dos estados soberanos que se formavam e premiar os participantes da luta pela independência.

Após a conquista da independência na Venezuela, índios e negros se tornaram cidadãos das repúblicas, e Bolívar recebeu já, em 1819, o título de *ditador do país*, por ser considerado um destacado líder militar, que exercia sua função em nome do povo. Vale mencionar sobre o Império espanhol que, após a invasão Napoleônica, em 1807, e a volta do rei Fernando VII ao poder, o país promulgou uma Constituição Liberal, em 1820, o que diminuiu a intensidade da luta espanhola devido à reforma modernizadora ocorrida no país.

Ainda assim, a luta continuou na América. Bolívar liderava o Norte da América do Sul e San Martín o Sul da América do Sul. Eles se encontraram no Peru para lutar contra o maior celeiro da resistência espanhola, formado por um exército de realistas que resistiam em uma região que foi considerada uma das mais ricas e importantes durante o período colonial. A última grande batalha desse processo das independências se deu justamente no Peru, comandada pelo general Sucre, que eternizou a famosa batalha de Ayacucho, em 1825.

Bolívar perseguiu um sonho antigo de manter a América unida. Na Carta Jamaica, em 1815, defendeu a ideia de uma solidariedade americana compatível com o apoio estrangeiro, principalmente inglês. Em 1826, persistiu na ideia ao realizar o Congresso do Panamá, com o objetivo de unir as nações americanas com base em um direito internacional comum e o apoio da Inglaterra. Mas, a despeito de todos os esforços, o Congresso não atingiu os objetivos pretendidos. De acordo com Bellotto,

*“os Estados Unidos não se fizeram representar oficialmente, uma vez que o representante designado morreu a caminho, a Inglaterra enviou apenas um observador; Chile, Argentina e Brasil não participaram, estiveram presentes apenas os representantes do México, da Guatemala, do Peru e da Colômbia. Aliás, o Brasil era visto com receio por Bolívar, pois era um sistema monárquico no qual ele abominava, apesar de contraditoriamente aceitar o apoio da monarquia inglesa para a efetivação do processo das independências”<sup>6</sup>.*

**A questão da monarquia, inicialmente rechaçado por Bolívar, quando iniciou sua luta em prol dos valores republicanos e liberais, foi vista com maior complacência nos seus últimos anos.**

Para o autor, após a luta de Ayacucho e o Congresso do Panamá, era possível observar que muitas de suas ideias sobre a organização política da América se aproximavam dos princípios monárquicos. Por exemplo: a defesa, muito frequente, do poder centralizado e forte, com caráter hereditário e vitalício. Isso o vinculava mais às instituições monárquicas do que às republicanas. Veja um trecho da Constituição da Bolívia, elaborada por Bolívar, em 1826, evidenciando um distanciamento com relação às ideais republicanas ao considerar o cargo vitalício e os eleitores apenas uma minoria da população.

*Ser boliviano. Ser casado ou ter mais de 21 anos de idade. Saber ler e escrever. Ter algum trabalho ou negócio ou praticar alguma ciência ou arte, sem sujeição a outrem como um emprego doméstico.<sup>7</sup>*

6 BELLOTTO, Manoel Lelo & CORREA, Ana Maria Martinez (orgs.). *Simón Bolívar: política*. São Paulo: Ática, 1983, p. 26.

7 BELLOTTO, Manoel Lelo & CORREA, Ana Maria Martinez (orgs.). *Simón Bolívar: política*. São

É preciso compreender que desentendimentos, conflitos, injustiças, guerras e frustrações vividas por Bolívar influenciaram a transformação de suas ideias políticas. Dentre elas, o fato de muitas das regiões libertadas da monarquia espanhola caírem nas mãos de pequenos líderes autoritários (os chamados caudilhos), que provocaram longas guerras civis e inviabilizaram a unidade americana. Doente pelos muitos anos de guerra e já profundamente desiludido, Bolívar escreveu, em 1830, ao amigo Estanislao Vergara, afirmando que “não esperava mais salvação para a pátria”. Nesse mesmo ano, morreu, na Colômbia, aquele que é considerado por muitos o grande “libertador da América”.

## B- O tema em questão no livro didático

Aprendemos sobre a trajetória política e intelectual de um dos mais importantes líderes das independências da América Hispânica: Simon Bolívar, considerado por muitos o “libertador da América”. Observe e reflita sobre o espaço dado no livro didático pelo historiador Raymundo Campos ao seu papel na América Latina.

### O Congresso do Panamá

“Não obstante os esforços dos líderes como Bolívar na América Espanhola independente, fragmentou-se numa série de países denominados pelas grandes famílias *criollas* locais. Essa fragmentação foi decidida no Congresso do Panamá, sendo o resultado de inúmeros fatores, tais como: a reduzida população do continente hispano-americano; a divisão administrativa pelos espanhóis, as diversidades econômicas e os interesses dos Estados Unidos e principalmente da Inglaterra, para quem a divisão facilitaria o domínio dessas pequenas, fracas e jovens nações”.

**CAMPOS, Raymundo. *História Geral. Idades Moderna e Contemporânea. Vol. 2. 2ª Ed. São Paulo: Editora Atual, 1978, p.108.***

## Algumas questões para pensar

Como o autor retrata o papel histórico de Simon Bolívar na América Latina? Ele é visto como um herói ou como um líder político sem muito brilho que contribuiu para a fragmentação política da América Hispânica? Cabe afirmar que a fragmentação política da América Hispânica, que levou a formação de diversos países, como a Argentina e o Uruguai, foi decidida em um congresso? O Congresso do Panamá foi feito em prol da fragmentação política americana? Segundo o autor, o número reduzido de hispano-americanos levaria à fragmentação política? Como? A Inglaterra dominou completamente a América Hispânica após as independências?

## Algumas observações sobre o texto de Raymundo Campos

Podemos observar como um resumo pode levar a muitos equívocos históricos e esclarecer muito pouco sobre a importância de determinados líderes e acontecimentos. Como visto nos textos do curso, Simón Bolívar lutou pela integração americana e o Congresso do Panamá não determinou a fragmentação política de toda a região. Somado a isso, é importante que se entenda que o domínio inglês era fundamentalmente econômico, não político, cultural ou religioso. Fica claro, aqui, como o papel do professor é essencial no esclarecimento e na problematização dos conteúdos apresentados.

### 3.2. Bolívar, Bolívars

#### Texto base:

PRADO, Maria Ligia. *Bolívar, Bolívars*. São Paulo: Folha de São Paulo, 24 de junho de 1983, p.10.

#### A- Ideias gerais do texto

As transformações das ideias políticas de Simón Bolívar nos deram a dimensão das dificuldades dos libertadores em implementar um projeto, efetivamente, republicano e democrático nas nações recém-independentes da Espanha. Até porque não foi da noite para o dia que a Igreja católica perdeu espaço político, que a república democrática foi aceita com naturalidade e que os negros e índios tiveram plena cidadania. Ainda hoje, esse é um projeto em andamento na América Latina.

Em todos os casos, o significado da trajetória de Bolívar e a simbologia que ela carrega, ao ter lutado e representado um momento fundador da América Hispânica, produziu muitas interpretações sobre suas propostas políticas, bem como significados no imaginário americano: de anti-herói a libertador. Segundo a historiadora Maria Ligia Prado, isso é mais que uma evidência para os historiadores pensarem sobre a necessidade da análise em torno de um tema que tende ser visto com dogmatismo.

Só para se ter uma ideia, Bolívar foi e, ainda é, considerado “caudilho incomparável”, “gênio perfeito”, “perfeito e único representante esporádico e único de sua raça, de todas as raças”, “São Bolívar”, como também um anti-herói, “ditador”, repleto de defeitos. Por exemplo, na biografia escrita pelo espanhol Salvador Madariaga, foi representado como uma figura ambiciosa, qualidade essa pouco adequada a um herói. Diante dessas visões, como recuperar o verdadeiro Bolívar? A historiadora afirma que uma forma é recuperar as leituras feitas sobre ele que servem a certos fins e interesses políticos. Logo, ela descarta a ideia do verdadeiro Bolívar e passa a considerar vários Bolívars presentes na historiografia latino-americana.

O momento decisivo da mitificação da figura de Bolívar foi, em 1842, quando o governo venezuelano levou os seus restos mortais de Santa Marta, na Colômbia, para Caracas, onde nasceu, e construiu um mausoléu o exaltando: “Quem é alto como cedro e forte como a rocha para resistir, dominar e serenar a tormenta (...) Apenas Bolívar”. Esse ato foi indiferente ao fato de Bolívar ter morrido desesperançado no exílio, incompatibilizado com seus adversários. Em uma famosa Carta ao General Flores, em 1830, dizia com amargura resignada:

*Vossa Excelência sabe que governei durante vinte anos e deles tirei apenas poucos resultados certos. 1º) a América é ingovernável para nós. 2º) aquele que serve a uma revolução para no mar; 3º) a única coisa que se pode fazer na América é emigrar; 4º) este país caíra infalivelmente nas mãos de pequenos tiranos, de todas as cores e raças; 5º) devorados por todos os crimes e extintos pela ferocidade, os europeus não se dignarão a nos conquistar; 6º) se fosse possível uma parte do mundo voltasse ao caos primitivo, este seria o último período da América.<sup>8</sup>*

O fato é que a Venezuela procurava uma imagem glorificadora de Bolívar para a constituição de uma identidade nacional possuidora de um herói libertador. Para Prado, “O herói emerge como o unificador dos contrários, o harmonizador dos conflitos sociais”<sup>9</sup> Logo, os que retornaram ao seu programa político salientaram apenas a dimensão positiva capaz de transformá-lo em figura de culto, referência

8 BELLOTTO, Manoel Lelo & CORREA, Ana Maria Martinez (orgs.). *Simón Bolívar: política*. São Paulo: Ática, 1983, p. 190.

9 PRADO, Maria Ligia. *Bolívar, Bolívars*. São Paulo: Folha de São Paulo, 24 de junho de 1983, p.10.



para todos os venezuelanos.



**A forma como Bolívar se transformou em herói o levou a ser comparado, até mesmo, com Jesus Cristo. Em 1883, por ocasião do centenário de seu nascimento, o venezuelano Gúzman o apontou como dotado de qualidades extraordinárias a serviço dos desígnios da providência.**

Essa visão impregnada de religiosidade o sacralizava a tal ponto de ser também projetado para além de herói nacional: como um herói latino-americano. A historiografia venezuelana dos anos de 1920 se ocupou em comprovar que ele foi mais importante que o libertador argentino San Martín. Historiadores, como Vallenilla Lanz e Vicente Lecuna, buscaram divulgar, nesse mesmo período, sua vida e obra para várias partes da América.

Ainda hoje, o governo venezuelano de Hugo Chávez cuida de divulgar uma imagem mítica de Bolívar para toda a América Latina, agora como baluarte da democracia e inspirador dos governos em que haja efetiva participação popular. O próprio Chávez elevou o país, por meio da Constituição, à República Bolivariana da Venezuela, criou o Bolívar (a moeda nacional que circula no país) e instituiu a lei do ensino fundamental que obriga a todos a aprenderem sobre Bolívar, como o grande libertador da América.

Em 27 de dezembro de 2002, em um discurso aos trabalhadores da petrolífera venezuelana PDVSA, Chávez disse: “Por isso, filhos de Bolívar como somos (...) à altura dos novos libertadores da Venezuela. Parabéns a todos e todas, e adiante, cada dia mais unidos, cada dia mais firmes, nova liberdade de pátria de Simón Bolívar”<sup>10</sup>.

Esse uso político e ideológico de Bolívar coloca de lado as condutas autoritárias do libertador e sua prática política, que com os anos passaram a ser cada vez mais simpática aos princípios da monarquia. Lembrem-se de que a Constituição da Bolívia, em 1826, a qual ajudou a formular, ele propunha a presidência vitalícia para o país, pois, segundo ele, “com essa providência se evitam as eleições, que produzem grandes reveses nas repúblicas, a anarquia que é o luxo da tirania e o perigo mais imediato e mais terrível dos governos populares”. Como menciona a autora, na “Carta Jamaica” de 1815, ele dizia que na Venezuela, após a independência, pelas suas tensões políticas, era clara a “ineficácia do modelo democrático e liberal”.

Como contraponto dessa tendência, o escritor colombiano Gabriel García Marquez<sup>11</sup>, ganhador do Nobel de Literatura, lançou um romance, nos anos de 1980, intitulado *O General em seu labirinto*, no qual narrava os últimos dias da vida de Bolívar, seus tormentos, suas doenças, amarguras e decepções, que poderiam ser associadas à própria América Latina, perdida em suas frustrações, injustiças e misérias, mas próxima do labirinto do que da trajetória em linha reta que caracteriza os gloriosos.

É muito presente, nessa visão, a ideia de que o libertador de fato não libertou ninguém, pois as oligarquias *criollas* tomaram o poder e marginalizaram o povo. Vale dizer, como lembra a autora, que, na Colômbia, Bolívar é visto com reservas, geralmente como um expoente do conservadorismo, contrastando com o grande herói dos colombianos, Santander, admirado, fundamentalmente, pelos liberais. Assim, é possível notar como são muitos os Bolívares construídos pela historiografia, ao longo da história latino-americana.

Como o Brasil caminhou regido por um modelo eurocêntrico, de um modo ou de outro, ele virou as costas para a América Hispânica e, portanto, nunca assumiu Bolívar como um herói. Apesar de tudo isso, a proposta de unidade

<sup>10</sup> [www.historiaviva.com.br](http://www.historiaviva.com.br)

<sup>11</sup> Ver: GARCÍA MARQUEZ, Gabriel. *O general em seu labirinto*. São Paulo: Record, 2000.

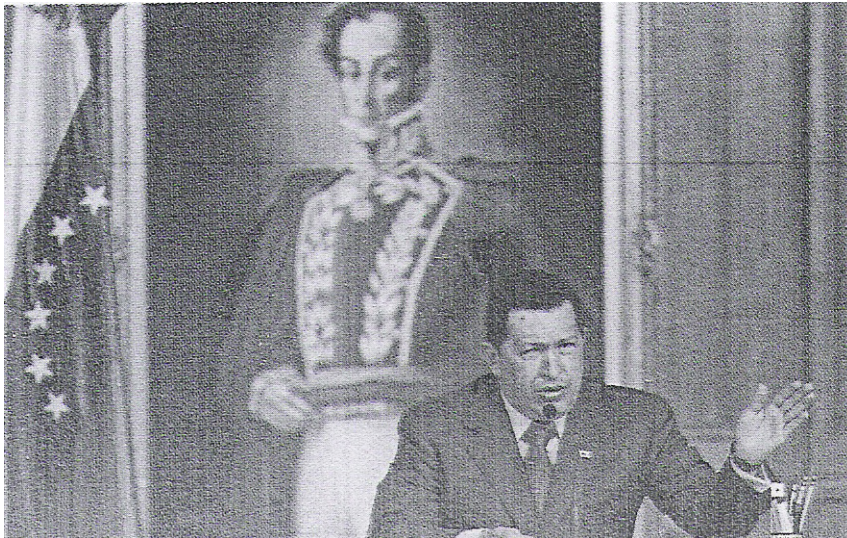
latino-americana, inicialmente defendida por Bolívar, tende a permanecer no imaginário social e na prática política da região por meio, muitas vezes, da busca por camuflar os conflitos internos, as oposições e os conflitos de interesse. As diferenças são, desse modo, diluídas em prol da unidade latino-americana, vistas em projetos, como o Mercosul, o Pacto Andino, a Aliança Bolivariana da América Latina (ALBA).

Por fim, ao abordarmos a figura de um herói como Bolívar, nós, como historiadores, devemos considerar, tal como Prado, a opção por identificar as múltiplas leituras sobre ele para não perdermos de vista a percepção crítica sobre os sentidos da história.

#### B- O tema em questão no livro didático

Na abertura do capítulo *A independência das Américas inglesa e espanhola*, do livro da historiadora Patrícia Braick, publicado em 2010, há uma foto do presidente da Venezuela, Hugo Chávez, acompanhada de uma pequena legenda. Observe:

Hugo Chávez discursa em cerimônia no Palácio de Miraflores, na Venezuela. Foto de 2010. A política do então presidente venezuelano é vista como autoritária por parte da opinião pública e da imprensa mundial.



BRAICK, Patrícia Ramos & MOTA, Myriam Brecho. *História das Cavernas ao terceiro milênio*. 2ª Ed. São Paulo: Moderna, 2010, p.187.

#### *Algumas questões para pensar*

O que é possível pensar dessa imagem? Como associar os debates do curso com a cena acima, em que o presidente da Venezuela aparece discursando, tendo Simon Bolívar como pano de fundo? Como tratar esse tema da política atual? Bolívar é de fato um herói inquestionável? Ou Chávez inventou uma versão gloriosa de Bolívar, da qual ele se utiliza para legitimar o seu poder? A foto aparece apenas com a legenda acima. Desse modo, é possível concluir que tanto Bolívar quanto Chávez são representações do autoritarismo na América Latina? Ou essa é, após as nossas leituras, apenas uma forma de difundir o preconceito e a ignorância que temos sobre a América Latina?

#### *Algumas observações sobre a foto no livro didático*

Fica claro, aqui, que a leitura adequada do professor acerca da imagem depende de sua boa formação, ou seja, a capacidade que terá de dizer sobre a construção do mito bolivariano, sobre a política populista do Chávez ou sobre os equívocos recorrentes em pensar no Brasil a América Latina depende da capacidade de o professor ler uma bibliografia crítica pertinente ao tema e

mostrar aos alunos que a imagem acompanhada da legenda não é detentora de uma verdade única.

### **Bibliografia complementar sobre Simón Bolívar**

DORATIOTO, Francisco. *Espaços nacionais na América Latina: da utopia bolivariana à fragmentação*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FEDRIGO, Fabiana. *Guerras e escritas – a correspondência de Simón Bolívar (1799-1830)*. São Paulo: UNESP, 2010.

MARICHAL, Juan. El designo constitucional: de Moreno a Bolívar. In: *Cuatro fases de la historia intelectual latinoamericana*. Madrid: Cátedra, 1978.

PÉREZ FLORES, Fidel; KFURI, Regina. Aliança Bolivariana ou integração como projeto anti-hegemônico. In: VADELL, Javier A.; LAS CASAS CAMPOS, Taiane (org.). *Os novos rumos do regionalismo e as alternativas políticas na América do Sul*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2011.

ROMERO, José Luis. *Pensamiento político de la Emancipación (179-1825)*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985. 2 vol.